

## A MEDIALIDADE DO GESTO NO PROCESSO DE DESENHAR

DHEIVISON ARAÚJO DA SILVA<sup>1</sup>; ALICE JEAN MONSELL<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – dheivisonaraujo@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto explora as questões centrais do projeto Poética dos gestos, dos espaços e dos tempos no desenho, desenvolvido no mestrado em Artes do PPGArtes/UFPEL. Como bolsista CAPES na linha de pesquisa Processos de criação, poética e cotidiano, minha investigação foca na prática do desenhar e suas múltiplas dimensões.

Atualmente, desenvolvo três séries de desenhos, analisando as relações dos espaços na prática (corpo, ateliê, suporte) e suas variações de dimensão e materialidade. Em relação aos tempos, abordo tanto o fazer vagaroso e repetitivo no desenhar em hachuras, quanto o olhar do desenho que revela esse processo demorado.

A instigação em torno do termo 'gesto' me levou a aprofundar suas terminologias e conexões com o processo de desenhar. O gesto é aqui compreendido como um conjunto de ações que informam os procedimentos, testes e técnicas do processo criativo. Para minhas reflexões, recorro a Giorgio Agamben (2008), em *Notas sobre o gesto*, e Vilém Flusser, através da análise de Marcos Beccari (2019) em *A dança em torno do concreto: a gestualidade em O universo das imagens técnicas de Vilém Flusser*, abrindo a discussão sobre gestos e a medialidade das ações. Considero essa medialidade fundamental para a pesquisa em artes como metodologia, integrando as contribuições de Sandra Rey.

### 2. METODOLOGIA

Minha pesquisa adota a abordagem de Pesquisa em Artes, caracterizada pela exploração contínua no ateliê. A produção de desenhos manuais é o principal campo de experimentação, compreendendo a prática não apenas como materialização da obra, mas como um processo de investigação em si.

Esta metodologia desenrola-se de forma cíclica e dinâmica. Inicia-se pela experimentação poética, através do desenhar com gestos repetitivos e da exploração de elementos visuais (traços, hachuras, linhas), investigando diferentes materiais e superfícies. Posteriormente, o foco se direciona à reflexão teórica, articulando os resultados da prática com a base conceitual de Agamben e Flusser sobre gesto e medialidade. A observação e o registro detalhado de todo o processo são cruciais, incluindo escolhas intencionais, testes, técnicas e a emergência do inconsciente no ato criativo.

Esta abordagem permite que as obras se configurem como ferramentas geradoras de conhecimento. O gesto de desenhar transforma-se num mapa para a compreensão da poética dos espaços e dos tempos e do funcionamento do processo criativo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gesto é um elemento constante em minha poética, abarcando a materialidade do processo manual e a dimensão intelectual do fazer artístico. A gestualidade, entendida como procedimentos artísticos que utilizam uma sequência de movimentos intencionais, manifesta-se no desenho manual como início, meio e fim do processo poético, numa formação cíclica que constrói e resgata.

Inicialmente, minha investigação sobre a relação dos gestos com espaços e tempos, através da variação de suportes, focou-se na noção de movimento. Partindo da física (Giancoli, 2006), onde o movimento é a mudança de posição, observei minha mão, empunhando lápis ou caneta, movendo-se sobre a superfície do papel. Este deslocamento, resultado do contato do instrumento com o suporte e da ação do pulso e braço, gera o desenho através de pequenos gestos repetidos e traços curtos que constroem superfícies e revelam a figuração.

Contudo, percebi que o movimento, por si só, não abarcava todo o potencial do gesto. O simples movimentar não gera poesia. Para a reflexão poética, a intenção é decisiva. Este elemento, somado ao movimento, configura o conceito de ação. Conforme Anscombe (1957), a ação é qualquer comportamento humano intencional. Assim, o deslocamento da minha mão é um ato carregado da intenção de riscar a folha: o próprio ato de desenhar.

Minhas escolhas artísticas são intencionais: a dedicação a temáticas específicas do cotidiano, o uso de procedimentos como traços repetitivos e hachura em caneta esferográfica, e a referência a certas propostas artísticas e à figuração. Todas servem à investigação principal, experimentando com diferentes formas de apresentação e suportes, enriquecendo meu repertório para futuros desenvolvimentos no desenho.

É relevante notar que nem todas as instâncias do meu trabalho emergem da intenção estritamente consciente. Parte considerável pode surgir do campo do inconsciente, acessando espaços de difícil descrição. Contudo, esses espaços do inconsciente se externalizam e se articulam quando guiados pelos meus gestos, abrindo caminhos para uma expressão singular, subjetiva e gráfica.

Para aprofundar a compreensão do gesto, recorro a Agamben e Flusser. Agamben (2015, p. 13), em *Notas sobre o gesto*, afirma que o gesto não se enquadra na lógica de meios e fins, mas sim como a exibição da medialidade, tornando visível o meio como tal. Sua reflexão, embora aplicada a outros contextos, ressoa profundamente com a prática do desenho, que evidencia seu processo e materiais envolvidos, e não apenas um produto final.

Beccari, ao estudar Vilém Flusser (2019, p. 192), descreve o gesto como uma força criadora que produz e articula o mundo, atuando como uma "medialidade". A

noção de gesto de Flusser implica que o mundo é inseparável da forma como o conhecemos ou o articulamos, através da infinidade de realidades que os gestos e as imagens técnicas tecem. Assim, o gesto é uma atividade plástica, uma "tessitura de realidades distintas" (Beccari, 2019, p. 191) que produz o mundo, estando inseparavelmente ligado ao contexto ambiental.

Para uma compreensão abrangente do gesto, é crucial distingui-lo de fazer (Poiesis) e agir (Práxis), conforme Agamben (2015, p. 13) e Aristóteles. A Poiesis visa um fim externo à ação (ex: costura de uma camiseta). A Práxis tem em si mesma o seu fim (ex: dança, e no meu processo, o desenhar). O gesto, por sua vez, transcende essa dicotomia. Agamben (2015, p. 13) explica que o gesto "não se produz, nem se age, mas se assume e suporta", revelando a esfera do *ethos* como dimensão humana, ao exibir a medialidade dos movimentos corporais.

Assim, essas reflexões filosóficas servem como pilares para a compreensão de meus gestos, práticas e táticas. Compreendo esses processos como procedimentos de pesquisa, pois a "noção de gesto, portanto, denota uma passagem, um limiar, um entremeio" (Beccari, 2019, p. 192). Para além da expressão e subjetividade do desenho, surgem reflexões sobre a ação que convidam a um estado de atenção e presença, essenciais à minha poética.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa demonstra como o ato de desenhar transcende de um mero movimento físico para uma ação intencional e, finalmente, para o gesto, que estrutura minha poética. A distinção crucial entre movimento, ação e gesto aprofundou a compreensão do fazer artístico, articulando prática manual e reflexão teórica. A medialidade pura do gesto é encarada como a exibição do próprio processo e dos materiais envolvidos, e não como um início ou fim.

As escolhas temáticas e processuais, aliadas à exploração de suportes e à abertura para o inconsciente, sublinham a riqueza da gestualidade como limiar e entremeio na construção artística. Este estudo amplia o repertório de experiências no desenho e convida a um estado de atenção e presença inerentes à poética proposta. Futuramente, esta investigação poderá abrir caminhos para explorar novas manifestações da gestualidade, como em videoarte ou instalações, expandindo o desenho para além do papel.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o Gesto. In: IANNINI, Gilson; GARCIA, Douglas; FREITAS, Romero (orgs.). **Artefilosofia: Antologia de Textos Estéticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 19-25.

BECCARI, M. N. A dança em torno do concreto: a gestualidade em O universo das imagens técnicas de Vilém Flusser. **Galáxia (São Paulo)**, n. 42, p. 189–201, set. 2019.

MARQUES, B. S. G. E. M. Anscombe: uma alternativa à filosofia da ação padrão. **Trans/Form/Ação**, v. 47, n. 2, p. e02400275, 2024.

REY, S. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.27713. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>. Acesso em: 27 jan. 2024.